

Maria Voce: “Devemos começar com a partilha”

PAOLO VIANA – Avvenire

20 de janeiro de 2015

Charlie Hebdo e a Bélgica – mas, também a Síria e a Nigéria – não são frentes de uma guerra entre a Europa e o Islã, com o qual, antes, temos necessidade de uma aliança, de um diálogo...

Concorda com a análise da Sra. Mogherini? [Federica Mogherini, chefe da diplomacia da União Europeia].

Sem dúvidas, responde Maria Voce, presidente do Movimento dos Focolares, e eu também gostaria de lembrar que os muçulmanos estão igualmente sofrendo, tanto quanto, por estes atentados.

Fala-se sobre dialogar com o Islã, mas, efetivamente, consegue-se dialogar somente com uma parte. Não existe aqui um equívoco?

É evidente que não existe vontade de dialogar nos fundamentalistas do Islã, mas, também o Ocidente possui os próprios fundamentalistas. Por isso nós, focolarinos, miramos ao diálogo que se fundamenta na partilha da existência cotidiana e não de um imediato confronto das idéias, porque é indispensável iniciar pelo conhecimento do outro e não, por exemplo, pela religião do outro, para poder descobrir o vínculo de fraternidade que une todos os seres humanos. Somente sobre esta base pode-se acrescentar a compreensão da fé do interlocutor e pode-se respeitá-lo profundamente, de modo que o diálogo resulte realmente construtivo e não se limite a uma convivência não beligerante que impede edificar, juntos, o futuro comum. Somente neste diálogo descobre-se que cada um tem algo a doar ao outro e constata-se que a diversidade não significa, necessariamente, motivo de oposição, mas, pode ser motivo de enriquecimento recíproco.

Este tipo de diálogo funciona também em uma ‘terceira guerra mundial fragmentada’?

Este tipo de diálogo obteve bom êxito naquela cidade africana que acolheu, sem medo, os refugiados da facção adversária e, depois, exatamente eles defenderam a cidade; funciona na Argélia, onde o nosso Movimento é constituído, na grande maioria por muçulmanos; funciona na Terra Santa, onde pessoas pertencentes às três religiões se reúnem para rezar pela paz e estabelecem laços de união entre eles e as próprias comunidades; funciona na Itália, onde muçulmanos e cristãos trabalham juntos pelos valores da família; funciona na Áustria onde, graças à rede de relações estabelecidas, evitamos choques e tensões sociais; funciona na Macedônia, onde a Faculdade de Pedagogia de Skopje fundou uma escola materna interétnico e interlinguístico... Decisivo é o espírito com o qual nos posicionamos diante das problemáticas. Se o espírito é reforçado por uma espiritualidade, ele conduz não somente à valorização de tudo o que

existe de bem no outro, a descobrir os dons de Deus presentes em cada tradição religiosa, a evidenciá-los, mas, também, a fazer com que os mesmos se desenvolvam.

Depois, porém, acontece o que aconteceu na Nigéria e na República dos Camarões...

Quem acredita no diálogo também experimenta dúvidas e desconfortos, quem acredita no diálogo também solicita que se intervenha para terminar com os massacres; mas, não com a violência, e sim formando os povos à paz; em Jos, exatamente na Nigéria, no mês de setembro, organizamos um seminário sobre o diálogo pela paz, que obteve uma fecunda experiência de união entre as pessoas.

Este diálogo pode causar forte atração nos jovens, mas, também expô-los a grandes riscos. O que diria se encontrasse Greta e Vanessa?

Bem-vindas! Agradeceria a Deus, com elas, pela feliz conclusão. Os jovens são propensos a apaixonarem-se e a arriscar. Direi ainda mais, os jovens que combatem pelo EI, inicialmente, podem ter tido motivações de certo modo ideais; mas, depois, instrumentalizadas. Não se deve colocar em risco a própria vida. Uma experiência de solidariedade internacional deve ter como base a preparação e a prudência, mas, pelos grandes valores pode-se arriscar e, de fato, arrisca-se; como os médicos que combatem o Ebola, na África.

Voltemos à Europa em chamas: qual a relação entre diálogo e liberdade de opinião?

Os homicídios acontecidos em Paris foram um episódio horrível. A liberdade tem um limite e este limite é o bem comum, o bem da humanidade. O Papa também afirma isto, ele não perde a ocasião para evidenciar também a acolhida, a empatia, a escuta plena das razões do outro, o exercício de um amor maior. E, também, nos exorta a solidificar a nossa identidade cristã, de modo a preparar-nos a este diálogo. Podemos dialogar somente se somos autenticamente cristãos. O nosso diálogo deve iniciar no ato de tomar conhecimento que todo encontro pode ser uma ocasião para poder doar ao outro os valores do nosso ser cristão. Sem impô-los, mas, doá-los com delicadeza e respeito: é um tesouro do qual também os outros têm o direito de participar.

© Direitos reservados

Fonte: http://www.avenire.it/Mondo/Pagine/Si-deve-partire-dalla-condivisione-.aspx?utm_content=buffer65e5b&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer